

A GEOGRAFIA EM ATOS DARDELIANOS

Geography in "dardelianos" acts

Antonio Jarbas Barros de Moraes¹

RESUMO

No texto, a fenomenologia dardeliana é o horizonte a partir do qual objetivamos uma leitura plural da geografia em atos ou geograficidade. Este estudo partiu do trabalho, hoje compreendido como um clássico, "O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica", obra fenomenológica do geógrafo e historiador francês Eric Dardel, na busca de uma possível e necessária continuidade da viagem reflexiva feita pelo autor. Nos pontos levantados, a partir da obra de Dardel (2011), usando-a como fonte de pesquisa, mostramos que a geografia é concebida pelos sentidos humanos vinculados de alguma maneira à Terra.

Palavras-Chave: Fenomenologia. Dardel. Geograficidade.

ABSTRACT

In the text, "dardeliana" phenomenology is the horizon from which we aim at a plural reading of geography in acts or geographicity. This study started from the work, today understood as a "classic" The Man and the Earth: nature of the geographical reality – phenomenological job of the French geographer and historian Eric Dardel in search of a possible and necessary continuity of the reflective journey made by the author. In the points raised, from the work of Dardel (2011), using it as a source of research, we show that geography is conceived by human senses linked in some way to earth.

Keywords: Phenomenology. Dardel. Geographicity.

¹ Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC/Fortaleza-CE). jarbasgeografia@gmail.com.
✉ Rua Valdemar Ferreira de Almeida, 45, São Vicente, Graça, CE. 62365-000.

INTRODUÇÃO

O estudo parte do trabalho, hoje compreendido como um clássico, “O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica”, obra fenomenológica do geógrafo e historiador francês Eric Dardel, na busca de uma possível e necessária continuidade da viagem feita pelo autor. Este livro, publicado originalmente em 1952, foi traduzido por Werther Holzer para a língua portuguesa, em 2011, publicado pela editora Cortez. Está desenhado em duas grandes partes estruturantes do pensamento humanista do autor: “O Espaço Geográfico” e “História da Geografia”, sendo completado por textos anexos de Jean-Marc Besse (2011), do próprio W. Holzer e um resumo biográfico de Dardel, assinado por Phillippe Pinchemel (2011).

Nas lições dardelianas, a humanidade, predominantemente nomeada pelo substantivo **homem**, realiza a sua ligação envolvente com a Terra, isto é, constrói-se em geografia em ato ou a **geograficidade** – como o mais significativo modo de ser/estar/viver a existência humana. Até aqui, uma concordância quase unânime na forma de ler as relações sociais e o ambiente no qual tais relações se inserem. A Terra não é só a condição da vegetação, telúrica, hídrica ou das grandes viagens?

Reconhecer aqui a releitura da obra expressa mais que simplesmente uma ousadia terrena, significa a aventura humana de não enrijecer o conhecimento geográfico, reduzindo a compreensão a um livro; ou pior, a um modo enrijecido de interpretar o livro, sem ressignificá-lo. Objetiva-se um horizonte plural a partir da leitura da humanidade e das geografias que diversificam a Terra. Leitura possível graças à amplitude de escritas e registros geográficos exercidos por muitos atores e atrizes sociais, como uma fonte primordial da renovação investigativa; nunca somente na condição de referência ilustrativa e reificada.

No presente texto, considera-se que o ser geográfico se constitui menos objetivo e mais histogêneo, afetivo, dinâmico, simbólico, insatisfeito, numa outra abordagem espacializada pelas atitudes humanas na Terra. O que queremos no artigo não é criar uma densa narrativa do pensamento geográfico francês, no entanto, o que relemos, em duas seções (Ato um: Espacialidades dardeliana; e Ato dois: leitura, ligação e narrativa terrena), são horizontes geográficos concebíveis, especialmente a partir do legado de Dardel (2011).

ATO UM: ESPACIALIZAÇÃO DARDELIANA

“No homem ~~No homem~~ [na mulher...] é a alma que vive com ele [ela...]. Nos deuses tem o mesmo tamanho E o mesmo espaço que o corpo E é a mesma coisa que o corpo.
Alberto Caeiro”
(PESSOA, 2013).

No trecho destacado do poeta podemos verificar que, de modo geral, a conceituação não segue uma estrutura uniforme, gerando uma confusão entre as categorias homem, e as outras incluídas, mulher e homem rabiscado. É uma tentativa de desmontagem do que está aparente e escrito. A alteração é intencional, justamente por reconhecer que só tem sentido se perceber a leitura como uma alternativa para refletir a interdependências das práticas humanas.

De início, é caro lembrar, dentre as diferentes variantes, os inúmeros sentidos da acepção: a alma invade a existência e a toma, seja ela humana ou não. A visão de corpo, composto por funções que remetem à estrutura biológica, aquilo que o anima, e as suposições pela alma, que dá vida à cultura, supõe interações entre coisa e significado. Assim, podemos identificar que a alma

é a conjectura assexuada do espaço, autorizando um discurso que perpassa, simultaneamente, por homens, mulheres e outras formas de identidade de gênero.

É um preambulo para fortalecer uma ousadia. Essa que experimentamos ao propor a mudança do título do livro de Eric Dardel (2011) para **A Mulher e a Terra**. Não saberíamos dizer qual o grau de desconforto acadêmico emergente. É possível absorvê-lo como positivo graças à perspectiva defendida, em se libertar da rigidez que pouco cedeu espaço entre os preconceitos geográficos reconstruídos entre os séculos XIX e XXI. São interpretações voltadas à obra em sua atualização aberta, como que para “franquear os mares”. No lançar-se a outras direções da Terra podemos explorar infinitamente a condição humana, até pelos meandros da justaposição não tão definida de sexo, cor, origem étnica ou valores ideológicos.

Justamente por ser criativa, as descobertas instituídas pela liberdade não são a purificação das relações e são, talvez, significações atribuídas. Por isso, o mundo é negociado em uma trama de significados, situados a partir das representações que os sujeitos querem projetar em torno de si. Não se trata da busca pela verdade mais aceita, antes disso, elas se multiplicam de modo a não cancelar as primeiras. Por isso, somos agentes criadores de realidades, tradicionais (mais voltadas ao que aprendemos por hereditariedade – cozinhar, andar etc.) e tecnológicas (orientado pelos significados criados “**hic et nunc**” em função de uma linguagem que apreende as coisas como tal).

O interesse não é de fundar uma geografia do espaço que se sobrepõe a princípios clássicos, pois o espaço é dinâmico, denso e rarefeito, é o impulso ao horizonte do caótico ao simbólico. Não existe nada estritamente essencial, claro, o espaço enquanto quer

uma geometria supérflua, quer “voos mais livres” (DARDEL, 2011, p. 6) pelas experiências humanas mais primitivas, que depois será ajustada ou sistematizada pelo saber. Isso que é descoberto é chamado de irrealidade, em que uma geografia implícita é alcançada pela humanidade antes mesmo dos geógrafos.

É um apelo romântico que surge da materialidade emprestada pelo espaço. Não quer dizer que está voltado unicamente à marcação locacional espaço-temporal, do ponto **A** ao ponto **B**, é algo qualitativo que exige menor esforço para quem está mais perto e um maior esforço para quem está mais longe, exprimindo significados expressos pelos símbolos do caminho. Estar distante é algo além de uma cartografia material, é um comportamento da imaginação multidirecional ou uma aventura. O espaço liberta ou aprisiona o ser humano, presumindo a essência geográfica situada, com variações e descobertas mundanas (LUKERMANN, 1964). Nesta direção, Relph (2014) compreende que a essência implica continuidade e a experiência aberta ao mundo dos significados.

Defende-se, em simultâneo, que a experiência humana vai na direção das águas, isto é, de uma potência que desafia o pensamento científico (BACHELARD, 1996). Há a vontade de desvendar os mistérios líquidos que, ao unir, separar, insultar povos, produz a personificação das águas, completa e incompleta, que ao percorrer a Terra revelam, por demais, outras forças ativas e criadoras de expressões questionadoras das nossas ideias. Refutando-se ao real estático ou água pela água, enfatiza a flexibilidade do entendimento pela fluidez aquática, buscando alcançar a sensibilidade geográfica do espaço.

Como nos posicionamos diante do que não vemos? É o outro desafio proposto, onde, nas diferentes situações aéreas, o modo de existir é ajustado a cada condição geográfica. Não sendo possível

combater, vive-se diante do frio, do calor, do dia, da noite, mais uma vez a abertura do espaço, sem qualquer mesquinhez, é dada, inclusive, pela liberdade do pensar geográfico. Com isso, Dardel (2011) está perto de mostrar a nossa fusão com o ambiente a nos perder nas próprias imagens de mundo. O que não tocamos, sentimos sem tocar. Em outras palavras, a neblina não diz respeito apenas à condição climática respondida pela ciência climatológica, nem uma circunstância oriunda de um lugar. Se quisermos atingir a fenomenologia do espaço é a intimidade¹ da neblina que devemos ostentar.

Ao considerar o constructo espacial, desnuda o sentido de habitar nas relações entre sujeito e o espaço construído (BACHELARD, 1993). Retorna-se ao estrutural, seja em forma de cidade (santuários ou não), vila e estradas (férreas ou não), práticas cotidianas (pessoas ou não) para depois estimular o olhar a perceber os seus significados destes estratos espaciais. É um movimento do fenômeno geográfico de via aberta às possibilidades espaciais. O **possível** é um caminho impuro expresso pelo olhar, ampliando-se pelo pluralismo concebido pela vista-imaginação. Nele o **real** comunica o estabelecimento dos sujeitos nas suas obras terrenas. Compreende-se, em função disso, que o espaço não é uma coisa reificada, tampouco uma experiência restrita aos modos de construções, mas pode significar algum gigantismo que transborda a estrutura para repercutir existências mais significativas.

Além da revisão do conhecimento, ou do pensamento geográfico, apresenta-se uma geografia longe de uma apreciação de área delimitada, o insistente **objeto** de estudo. A realidade geográfica está **oculta e pronta a se revelar** (DARDEL, 2011), avessa a sucessão dos acontecimentos do cotidiano, até porque a irrealidade deste real, que está relativizando a objetividade e a subjetividade, simbolizará

¹ Averiguar acerca da intimidade nas experiências de pesquisa em Claval (2012)

um retorno a um saber misterioso ou **não saber**. É, por enquanto, uma tentativa de abordar o sentido de **habitat** e pela sua ligação com o entorno, externalizando as ligações com a Terra. Refere-se à **geograficidade** significada pelos inúmeros comportamentos sedentos, o cenário das vivências nômades, o imaginário em situação afastada ou desencantada de uma experiência habitual.

A existência se confunde com as cores de uma realidade geográfica que recusa a estagnação. O espaço não é condicionado pelo determinismo ambiental, mas ao plano da imaginação, o que implica produção indeterminada de sentidos (cores) e gêneros variados e de diferentes localizações. É na liberdade que o espaço se faz, se libera da sabedoria, para retornar ao original², a geografia. Os símbolos e as imagens não se reduzem à causa e ao efeito dos fenômenos como, por exemplo, tomar água e saciar a sede, eles se fazem nas atitudes humanas, os mares e rios são misteriosos à nossa medida.

Para compreender o sentido da existência em Dardel (2011) é preciso se perder nos mundos produzidos pela Terra. Assim como o mar, a floresta pantanosa, pelas cores, luz ou a falta dela, cheiro ou falta dele, derrotam a firmeza dos passos humanos. A derrota denota o fluxo do modo de existência. É por isso que ao sobrevoar a floresta, esta revela-nos um verde da natureza, a aproximação revela muito mais das frutas, do solo, das montanhas, a coloração que narra um pouco da vida. E novamente a cor comunica a co-implicação de mundos inter/multi/representados no envolvimento geográfico que não se esgota na pigmentação.

A intenção de demonstrar a Terra como base da existência indica um esforço de superação do que a Geografia apreciava nos seus discursos políticos. O discurso da experimentação é posto em

² O retorno do contato imediato com o mundo – o original – ou a percepção pode ser melhor explorado em Merleau-Ponty (1999).

suspensão. A existência é lugarizada no repouso, assim a consciência ganha firmeza e projetamos encontros com o mundo. O lugar é **aqui** espacialidade, modo de ser, das tomadas de consciência, do desbravamento, é o **lar** na sua primitividade, almejando-se o **lá** em direções sinuosas (MARANDOLA JR., 2020).

Ao retomar a noção de fenomenologia que assume uma postura crítica, será que basta dizer que existe uma ligação entre o Homem e a Terra? A resposta para a pergunta talvez seja uma a-resposta, afinal ela própria parece objetivar o conhecimento. A questão da totalidade humana, não sendo intencional, é plural, abandona esta fonte primária do existir, manifestando o novo estado de confirmação da existência. “A essência da Terra é o que esconde sempre algo em cada um dos seres, no momento que se expõem à luz” (DARDEL, 2011, p. 42). A luz não ilumina a plenitude, ela manifesta alguma espacialização do ser, desafiando a clareza do que é mostrado, simboliza a alma dissociada dos caminhos unidirecionais.

ATO DOIS: LEITURA, LIGAÇÃO E NARRATIVA DA GEOGRAFIA TERRENA

“...sinto que ainda não alcancei os meus limites, fronteiras com o quê? Sem fronteiras, a aventura da liberdade perigosa. Mas arrisco, vivo arriscando.”

Clarice Lispector (1998).

Na leitura, a Geografia tem presenciado duas narrativas: uma em que o mote das suas teorizações é a descoberta de pensamentos; e outra que, como a autora anterior pontuou, é a **aventura da liberdade perigosa**, um despertar para a consciência geográfica a partir da presença do Homem na Terra. A interpretação da realidade é manifestada em um horizonte de mundo, ilimitado.

Nas palavras de Eric Dardel (2011), estamos falando do próprio despertar da consciência sem, no entanto, estabelecer fronteiras entre aspectos místicos, terrenos e os fatos humanos. Quer dizer, ao afirmar nossa filiação sem ruptura com a Terra, renovamos a experiência mítica, isso não quer dizer que abandonamos a ideia de origem, mas que há uma vinculação religiosa insistente (ELIADE, 1992), que nutre uma força materna envolvida na vida e na morte, ligando a “*Tellus Mater*”. Na primitividade foi priorizada a ligação mítico-mágica, metaforicamente, a Terra emprestada pelos Deuses invade a posição humana. O que não pode escapar à Geografia é a relação entre mundos interiores e exteriores.

Há trocas entre a Terra e a humanidade. Uma reciprocidade não tanto amistosa, mas que é ir e vir, garantia de sobrevivência. Isso tem grau de parentesco e trocas com o que está animado nos arredores, do solo a animais, da terra à água. É que a realização da existência transcende os quadros geográficos. A Terra nos conduz, entretanto, a uma circunstância de origem pelo que ela dispõe, e um sentimento de maternidade oriundo da religiosidade dos povos, mas não é restrito a **mãe**, ligação umbilical no sentido estrito, nem pelo gênero, mulher, mas pelo desencadeamento das reflexões sobre a humanidade.

Está lá! É onde o mundo está. Ir até lá é um exercício de experimentação e aprendizado tanto da matéria, como das ideias (pré)concebidas pelo imaginário, a vinculação torna a Terra humana, e no inverso, o ser espacializado é a própria Terra. O mito mediado na trajetória é a atualização ininterrupta temporo-espacial, em direção a uma ideia de espaço, anunciada à medida de cada um. Não abrangendo somente o que se mostra pela cosmologia primitiva, de que o sobrenatural encanta por completo de uma só vez, como se a miragem do deserto fosse a própria divindade, relutante a retificação. O local de manifestações sagradas, a superfície telúrica, representa

apenas a posição visível. O manifestado é o **insight** perene que se dá nestes movimentos, almejando o invisível atrás dos olhos, o que o diferencia das ideias solidificadas.

A distância da Terra, próxima ou não, deriva de uma mística primitiva que não cede para a modernidade satisfeita. A extensão geográfica, num reconhecimento sagrado pelos ritos, na agricultura ou outros, que celebram os laços afetivos Terra-humanidade-homem-mulher, não pode separar a condição físico-geográfica da cosmo-geográfica. Outra vez nos deparamos com o retorno da religiosidade primitiva, que é retomada para (des)reorganizar a geografia feita ou aparente, nela pelo mito, o real se realiza. É na incerteza que uma geografia mística se inquieta. Os lugares de manifestações sagradas, sombrios, silenciosos, turbulentos e caóticas podem se voltar contra a harmonia, não correspondem ao domínio das incertezas. Todavia, há lugares de localizações bem definidas. Os totens repercutem a hierofania de um povo, é o sagrado naquilo que foi consagrado, — nas montanhas, rios, pedras, florestas dentre outros (ELIADE, 1992).

Aqui, o comportamento da comunidade dita comum extravasa as noções de afetividade e pertencimento, afinal estamos lidando com uma condição de **ser-com**, ligado à Terra, em correlação, viabiliza a essência durável. Até que ponto esta essência é permanente? Na qualidade totêmica celebrada na comunidade, pela festa da chuva ou colheita, é de lá a fundação mística do mundo ou o mito cria a realidade. É pelo mito que a humanidade conta a sua história e faz a sua geografia. O mito é atual porque se atualiza. O mito funda e torna a existência das coisas válidas (DARDEL, 2011).

Retoma-se, deste modo, o espaço geográfico mítico, que não aceita direções e fixações, não é o espaço sistematizado pela Geografia, mas o espaço na sua qualidade mística que comunica

mais do que homogênea ou objetiva, o que é vivido e sentido, e é a desorientação do conhecimento, possuindo referências arreadas à Geografia das técnicas cartesianas. Uma força mística, que estamos sinalizando, prepara os lugares e os distingue pela sua vocação e poder de dominação. Entre marcações, **os espaços fortes ou sagrados**, e as indiferenças, **os espaços fracos ou profanos**, pensamos um caminhar flexível de confluências e repulsões (DARDEL, 2011). O modo de vida da humanidade; a (des) qualificação dos espaços e coisas; seus impulsos grupais a partir dali, desenham em traços plurais a condição vital à geografia.

Onde vivem os deuses? Onde quer que a humanidade queira que eles vivam, nas árvores, nas montanhas, nos santuários, nas cidades santas, nas fissuras da Terra, nos lugares de poderes perigosos. Parece uma resposta simples, se assim fosse incorreríamos o risco de fechar uma porta aberta à não explicação da indagação. A resposta não determina uma conclusão, abre uma possibilidade. Lidamos com um duplo sentido, encarnado nas atividades da humanidade e outro extraordinário, superior, inalcançável, figurando a divindade, seja masculino em nome de Francisco, e feminina com referência a Fátima³, antropomórfica de apreço a Medusa, **naturais** em veneração à floresta, ao relevo e à água.

Uma questão adicional, enfatizada pelo autor como sendo de extrema relevância, refere-se à mística do espaço ou espaço infundado. Nesse contexto, a humanidade exerce influência sobre a Terra por meio de práticas de cultivo e escavação. É crucial salientar que ao realizar tais ações, é necessário agir com cautela para evitar a manifestação de elementos impuros e demoníacos, a fim de prevenir o surgimento da monstruosidade que representa o caos.

³ Um importante estudo sobre Nossa Senhora de Fátima se encontra em Santos (2006).

É no espaço místico que a condição de ser da humanidade se expõe à frente de si. O caminhar é projetado duplamente, já destacado, com passos opostos e complementares. A alusão aos domínios femininos e aos masculinos, antes de uma tensão, manifesta a intersubjetividade que sustenta o mundo, ser em conjunto. O ser geográfico é libertado pela interpretação fenomênica, que pensa a condição da mulher com o homem na égide do simbólico, relacionada não só ao gênero, bem como às práticas culturais com sentidos de sobrevivência, espaciais e de desagregação da exuberância do **mito de fundação**. Resultando na leitura nova ou fundamentação mítica da realidade.

As profecias, a história da humanidade contada sempre com desfecho e entorno de um criador, dominam a existência da Terra, emperrando a condição de passageira, é a compreensão que faltava a uma concepção objetiva e material da humanidade. A Terra é uma hierarquia, só quem pode ser maior do que ela é o Criador, tem um **fim** desde a criação, o futuro é sobreposto pelo previsível, é um instante absoluto, sem novidade. A espacialização universal degrada todo tipo de noção que sacraliza a **natureza** das coisas, tanto é que o contrário é a profanação passiva de sentença. No olhar profético, o mundo é simplificação criada e passageira. Por isso, uma rocha e uma árvore são o que são e continuarão na condição terrena. Em Dardel (2011), a desagregação da objetividade é um dos ganhos da humanidade.

Outro aspecto agregado à história da geografia é o heroísmo das aventuras desbravadoras e a persistência geográfica empreendida. Pressupõe-se o afastamento dos mitos por fabulações que contam a história do mundo pelas narrativas lendárias, sobrepondo-se a outras perspectivas que orientam, por exemplo, a vida pelos valores místicos e de parentescos. As ideias situam o ser em

detrimento do não ser, ser é ter um lugar e uma função. Apesar do enredo contar a exaltação do sentido heroico, ele também é o despertar pelo primeiro interesse exploratório das realidades geográficas desconhecidas. As geografias ditas legendárias colonizam e lutam com monstros, fixam certezas e são a partida para fraquear a Terra. O herói, acima do homem, funda o mundo e nele se aventura. A imaginação geográfica não cessa de uma aproximação às representações mito-mágicas, ambicionando um caminhar geográfico que só pode vir do desejo **ontológico** de desbravar novas rotas da Terra (HOLZER, 2011).

Em Eric Dardel (2011), o heroísmo se lança no mundo para descobri-lo ou se arriscar numa poética geográfica à deriva em alto mar, ávida pela descoberta de novas ligações terrenas. Então é de uma poética do espaço que estamos tratando, é ela que esteve na bagagem do viajante que empresta o poder da imaginação para criar uma imagem do mundo desconhecido. O herói e o poeta se confundem pela exaltação das descobertas. As explorações contribuíram na ampliação das imagens humanas dispersas na Terra, mas o ato da descoberta seria inaugural, e não um encontro que se abre a novas apreciações.

No século XVIII, a Geografia já manifestava indícios de emotividade, evidenciando experiências afetivas e apreciação da estética dos rituais e, no pensar de Sauer (2012), da morfologia da paisagem, em suma, para satisfazer as vontades humanas fora da Europa. Nos escritos dos navegantes e escritores, a geografia da humanidade anuncia a sua ligação com a Terra. Antes que uma **Geografia de gabinete** naufrague, é preciso **sair** e velejar com velas soltas, navegar em direções indefinidas, desvelar tramas geográficas, entre homem e mulher, mulher e homem, em síntese, uma questão que não se resolve.


Diante da fragilidade da Geografia científica, que repousa nas leis invariáveis, na objetividade, no ideal universal, busca-se um novo caminhar envolvido na “maneira como desperta uma consciência geográfica” (DARDEL, 2011, p. 83), sublinhando a atitude humana que supera a firme existência dos fatos. O saber assim compreendido revela a ciência que antecede qualquer sistematização de laboratório, a geografia. Ela não pode se furtar da presença humana, pois é dela que lançamos o **ponto de vista** para a condição física ou biológica, é a partir dela que o destino ganha sentido. Ainda que estritamente físicos, o mar, a montanha e o clima, vive ali algum fundamento humano. O que determina, liberta a imaginação, a seca pela literatura; o frio pelo cinema; a morte pela comemoração; o patriarca pela matriarca. O horizonte nos transmite a diversidade da observação, abarcando o que é imediatamente visto e o que será conquistado. A geografia é assim aberta, **inacessível**, livre e **imprevisível**, se realiza na Terra, pelo homem, na base da existência humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos pontos levantados, a partir da obra de Dardel (2011), percebemos que a questão geográfica emerge do movimento humano. A geografia em ato é uma proposta livre e criativa. O presente texto mostrou algumas compreensões possíveis a partir da própria linguagem usada pelo autor e diversos sentidos humanos vinculados de alguma maneira à Terra.

Neste caso, vemos não apenas leituras rotineiras que cumprem uma demanda institucional. Vê-se a própria construção da geografia na interpretação da obra à medida que é uma compreensão dos significados da cultura.

O pioneirismo da obra é inegável, não no heroísmo, mas como maleável a infinitudes temáticas, dentre as quais o feminino também se faz indispensável desde o título. Invade a escrita, independente da redação e da autoria, não é impedido de se envolver com múltiplos enlances geográficos porque é a geografia. Representa, especialmente, o empenho imaginativo do geógrafo.

O artigo é um desdobramento-leitura, viabilizando compreensões mais plurais que universais. Não é bem uma tentativa de refazer uma totalidade empírica, tampouco esgotar o arcabouço interpretativo da obra. Tratamos de um caminhar-leitor, no qual apresentamos generalizações e especificidades dos significados da experiência geográfica da leitura-interpretação. 

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Trad. Esteia dos Santos Abreu. 1.ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BESSE, Jean-Marc. Geografia e Existência: a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- CLAVAL, P. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Geografia cultural**: uma antologia. 1.ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.
- DARDEL, E. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011
- ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

A Geografia em atos dardelianos
Antonio Jarbas Barros de Moraes

HOLZER, W. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LISPECTOR, C. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUKERMANN, F. Geography as a Forma Intellectual Discipline and the Way in wich it Contributes to Human Knowledge. **Canadian Geographer**, v. 8, n. 4, 1964.

MARANDOLA JR., Eduardo. Lugar e lugaridade. **Mercator**, Fortaleza, v. 19, p. 1-12, 2020.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PESSOA, F. **Poemas Completos de Alberto Caeiro**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2013.

PINCHEMEL, P. Biografia de Eric Dardel. In: DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SANTOS, M. G. P. **Espiritualidades Turismo e Território**: estudo geográfico de Fátima. 1.ed. Lisboa: Principia, 2006.

SAUER, C. Morfologia da Paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. **Geografia cultural**: uma antologia. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

Submetido em Abril de 2021.

Revisado em Dezembro de 2021.

Aceito em Fevereiro de 2022.